



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Efeitos adversos do uso de antidepressivos por estudantes da área da saúde

Adverse effects of the use of antidepressants by health students

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1149

ARK: 57118/JRG.v7i14.1149

Recebido: 09/04/2024 | Aceito: 26/05/2024 | Publicado *on-line*: 28/05/2024

Poliana Barboza Luz

<https://orcid.org/0009-0009-4577-6287>

<http://lattes.cnpq.br/7091877222061178>

Cesufoz – Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu, PR, Brasil

E-mail: barbozapoliana585@gmail.com

Sirlei Ramos

<https://orcid.org/0000-0003-2232-3831>

Cesufoz – Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu, PR, Brasil

E-mail: sirlei.cesufoz@gmail.com

Sandonaid Andrei Geisler¹

<https://orcid.org/0000-0001-9346-6624>

<http://lattes.cnpq.br/1520115273418806>

Cesufoz – Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu, PR, Brasil

E-mail: biologiasnag@hotmail.com



Resumo

Introdução: A depressão é apresentada como uma das condições que mais traz sofrimento à população, sem fazer distinções de gênero, nível socioeconômico ou idade. Nesse contexto, é importante destacar que egressos de cursos da área da saúde apresentam prevalência significativamente aumentada de depressão e ansiedade em relação à população em geral. **Objetivo:** Investigar a prevalência do uso de medicamentos antidepressivos entre estudantes da área da saúde e os fatores que contribuem para a manutenção desse hábito. **Método:** Trata-se de uma revisão interativa da literatura, buscando artigos nas bases de dados indexadas no PubMed e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), incluindo: LILACS e MEDLINE, publicados nos últimos 23 anos. **Resultados:** A maioria dos estudos revela dados relevantes sobre o número de estudantes da área da saúde que utilizam medicamentos antidepressivos, sendo os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) os mais utilizados. Além disso, aponta-se que a enorme carga de trabalho, a distância familiar, a dificuldade de fazer novos amigos e a redução do tempo de lazer são motivos para o uso desses medicamentos. **Conclusão:** Devido a essa importante prevalência do uso de medicamentos antidepressivos por estudantes universitários da área da saúde na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, infere-se a necessidade do desenvolvimento de medidas preventivas para minimizar os impactos

¹ Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2006). Mestrado em Ciências Biológicas (Biologia Celular e Molecular) pela Universidade Estadual de Maringá. Doutorando na Universidad Nacional de Misiones em Biotecnologia desde fevereiro de 2015. Atua desde 2008 como professor universitário nas áreas de: Bioquímica, Biologia Celular, Biologia Molecular, Genética Fisiologia Humana.

causados pelos elevados níveis de estresse e prevenir o desenvolvimento de sintomas depressivos.

Palavras-chave: Antidepressivos. Ansiolíticos. Depressão. Estudantes da área da saúde.

Abstract

Introduction: *Depression is presented as one of the conditions that brings the most suffering to the population, without making distinctions based on gender, socioeconomic level or age. In this context, it is important to highlight that graduates of health courses have a significantly increased prevalence of depression and anxiety compared to the general population. Objective:* *To investigate the prevalence of the use of antidepressant medications among health students and the factors that contribute to the maintenance of this habit. Method:* *This is an interactive literature review, searching for articles in databases indexed in PubMed and the Virtual Health Library (VHL), including: LILACS and MEDLINE, published in the last 23 years. Results:* *Most studies reveal relevant data on the number of health students who use antidepressant medications, with Selective Serotonin Reuptake Inhibitors (SSRIs) being the most used. Furthermore, it is pointed out that the enormous workload, family distance, difficulty in making new friends and reduced leisure time are reasons for using these medications. Conclusion:* *Due to this important prevalence of the use of antidepressant medications by university students in the health area in the triple border between Brazil, Argentina and Paraguay, it is inferred the need to develop preventive measures to minimize the impacts caused by high levels of stress and prevent the development of depressive symptoms.*

Keywords: Antidepressants. Anxiolytics. Depression. Health students.

1. Introdução

A depressão é um distúrbio crônico e recorrente que se caracteriza por um ou mais episódios depressivos, com pelo menos duas semanas de humor deprimido ou perda de interesse na maioria das atividades, acompanhado de pelo menos quatro sintomas adicionais de depressão. Esses sintomas incluem: pessimismo persistente, sentimentos de culpa, dificuldade de concentração, desamparo, diminuição do desejo sexual, aumento da irritabilidade, insônia e perda de apetite (SILVEIRA, 2022). Note-se que, tal como revelam vários estudos, a proporção de mulheres que sofrem de depressão é pelo menos o dobro da dos homens (exceto na depressão bipolar, em que os sexos são equilibrados). A idade de início é cada vez mais jovem, a maior incidência ocorre entre os quinze e os dezanove anos, mantendo-se igualmente elevada até aos quarenta anos nos homens e aos cinquenta nas mulheres (dentro da sua proporção), caso se tenha observado um aumento nas mulheres em idades mais avançadas (WU, ANTHONY, 2000, p. 159-171).

No ambiente universitário, devido às suas características complexas que exigem novas formas de comportamento para enfrentar novas situações, existe uma série de estressores que podem gerar depressão (AMÉZQUITA, GONZÁLEZ, 2003). A depressão pode se manifestar independentemente da idade, sexo, nível socioeconômico e programa acadêmico frequentado, podendo apresentar sintomas primários que não incluem alterações de humor e nem mesmo alteram a função cognitiva, portanto não é difícil para qualquer indivíduo cair em um estado depressivo.

Dois tipos de tratamento têm sido utilizados para tratar essa população: psicoterapia e terapia medicamentosa com antidepressivos. Contudo, tem ocorrido um aumento na prescrição de antidepressivos para jovens nos últimos anos. O tratamento da depressão é realizado com a administração de medicamentos pertencentes a uma das seguintes classes: antidepressivos tricíclicos (ADTs), inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), inibidores seletivos da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSNs), inibidores da monoamina oxidase (IMAO) e antidepressivos atípicos. Dentre as diferentes classes de antidepressivos, os ISRS são os medicamentos mais utilizados no tratamento de jovens com depressão, devido ao seu perfil com menos efeitos colaterais (RIBEIRO et al, 2014, p. 1825–1833). Vários estudos levantam como questão central o importante papel do profissional de saúde na adesão ao tratamento. Esses estudos mostram que um dos fatores decisivos para a adesão ao tratamento é a confiança depositada pelo paciente na prescrição, na equipe de saúde e/ou no médico pessoalmente (FILHO, JÚNIOR, 2013).

A prescrição de múltiplos medicamentos é uma realidade que exige atenção e cuidados constantes. Existe uma correlação positiva entre o uso de outros medicamentos e o aparecimento de efeitos colaterais e grande parte dos participantes utilizava outros medicamentos além dos antidepressivos. Os cuidados com a prescrição de múltiplos medicamentos incluem revisão dos medicamentos em uso e amplo conhecimento dos mesmos, buscando sempre minimizar o número de substâncias utilizadas, monitorando e avaliando efeitos colaterais e tóxicos (JULIO et al, 2021, p. 70762). A base para a identificação e compreensão das interações medicamentosas está no conhecimento da fisiologia, da fisiopatologia e dos mecanismos de ação dos medicamentos, mas também na atenção direcionada à observação clínica do paciente, caracterizando os sintomas e sua evolução ao longo do tempo (GOLDMAN, 2001, p. 472-476).

Considerando o aumento da prevalência de depressão na população jovem e o fato de haver alta incidência desse transtorno entre estudantes universitários, o objetivo deste estudo foi avaliar os efeitos adversos do uso inapropriado de antidepressivos em profissionais de saúde da tríplice fronteira, bem como verificar o conhecimento do usuário sobre a medicação antidepressiva e caracterizar o padrão de consumo de antidepressivos. Além disso, com base nos principais problemas identificados, são propostas ações que devem ser tomadas pelos estudantes da área da saúde para que a terapia medicamentosa com antidepressivos seja feita de forma segura e eficaz. Não há dúvida de que estudar os fatores sociodemográficos de idade, sexo, estado socioeconômico e formação acadêmica em estudantes universitários é relevante, pela relação que pode existir entre estes e a manifestação da depressão. É por isso que, no contexto global, encontramos uma série de estudos que relatam altas taxas de presença de depressão nesta população.

2. Metodologia

Este estudo será composto por pesquisas bibliográficas em livros e artigos relacionados à área da saúde e enfermagem. Realizada pesquisa bibliográfica em livros e artigos e revistas relacionados à área da saúde e enfermagem, com publicações disponíveis online, indexadas nas bases de dados no PubMed e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), incluindo: LILACS e MEDLINE, publicados nos últimos 23 anos sobre efeitos adversos de antidepressivos, em estudantes da área da saúde em língua portuguesa e espanhola, no Brasil, Argentina e Paraguai.

Para a análise dos dados foram utilizados artigos, livros e revistas, com informações relacionadas ao uso abusivo de antidepressivos em acadêmicos de enfermagem e saúde. Ao ser executado esta revisão, obteremos como desfecho secundário o conceito de depressão, dos riscos de se automedicar com antidepressivos sem o devido acompanhamento médico e psiquiátrico, a demais da elaboração de meios de prevenção e divulgação da depressão e seus fatores de risco.

3. Resultados e Discussão

Segundo a definição dada pela Associação Americana de Psiquiatria (2014), a depressão engloba sintomas como humor deprimido, falta de interesse em atividades que antes eram prazerosas, dificuldade de concentração, com duração de duas semanas ou mais. A ansiedade, por sua vez, caracteriza-se por um estado de inquietação sem motivos específicos, provocando queixas sintomáticas como tremores, hiperventilação e cefaleia. Nessa perspectiva, o início da vida acadêmica traz consigo uma série de mudanças: novas mudanças sociais recolhimento, rotina mais agitada e cobranças diversas sobre futura profissão. Apresentando mais chances de causar patologias psicológicas. Nota-se a prevalência desses transtornos entre estudantes da área da saúde quando comparados a estudantes de outras áreas, sendo superior à população geral brasileira (MIRANDA et al, 2021).

Os estudos que abordam a saúde mental na universidade aumentaram significativamente desde 1999 (BARDAGI & HUTZ, 2011). Esse fato demonstra grande importância do tema, uma vez que a ansiedade e a depressão tendem a afetar negativamente o período de formação, gerando dificuldade interpessoal e deterioração do desempenho acadêmico. Conseqüentemente, a carreira profissional também pode ser fragilizada, visto que os profissionais de saúde enfrentam diretamente o sofrimento humano, percebendo a vulnerabilidade e a finitude da vida, percepções opostas ao sentimento do ser humano (MIRANDA et al, 2021). Pode-se observar um aumento notável no uso de ansiolíticos e antidepressivos, bem como seu uso indiscriminado nos últimos 10 anos. Porém, é importante destacar que a detecção precoce de sintomas ansiosos e depressivos auxilia na intervenção correta, proporcionando ao paciente saúde integral e sucesso na futura profissão (GUEDES et al., 2017).

Psicotrópico tem sua etimologia de duas palavras, psico, que está relacionado à psique (sentimentos, pensamentos e atitudes) e trópico está relacionado ao tropismo, que significa atração por algo. O termo droga é definido como qualquer substância capaz de modificar a função do organismo, resultando em alterações fisiológicas e comportamentais. Assim, os psicotrópicos são aqueles que afetam o sistema nervoso central (SNC). Devido às suas propriedades bioquímicas, alteram sensações, humor, consciência e comportamento. Modulam etapas da transmissão sináptica, em sua maioria, por meio de receptores específicos, outras, por ações inespecíficas nas membranas (KATZUNG, TREVOR, 2017).

A ação dessas drogas é dividida em pré e pós-sináptica. Em relação aos que afetam o terminal pré-sináptico, destacam-se os elementos que atuam na síntese, não no armazenamento, no metabolismo ou na liberação de neurotransmissores. A transmissão sináptica pode ser deprimida pelo bloqueio de todas as partes da via. O bloqueio do catabolismo do transmissor fora do terminal nervoso pode aumentar as concentrações do transmissor, aumentando também a quantidade liberada por impulso. Na região pós-sináptica temos os receptores (ionotrópicos ou metabotrópicos) que serão a liberação local de duas drogas. Diferentes neurotransmissores podem ser liberados por diferentes grupos de neurônios e há uma

variedade de receptores para cada neurotransmissor. Esta é a base para a seleção da ação dessas drogas no SNC (KATZUNG, TREVOR, 2017). Além disso, os psicotrópicos podem ser classificados de acordo com a atividade, sendo estimulantes (cocaína e anorexígenos), depressores (ansiolíticos, hipnóticos, álcool, opiáceos e inalantes) ou psicomiméticos (mescalina, THC, psilocibina, lírio, LSD-25, “êxtase”, anticolinérgicos) (GLORIA et al. 2023).

As drogas psicotrópicas também podem ser chamadas de substâncias psicoativas, entorpecentes, intoxicantes ou entorpecentes. Podem ser utilizados em condições neurológicas e transtornos psiquiátricos, para aliviar dores, suprimir náuseas, entre outros sintomas (KATZUNG, TREVOR, 2017). O uso dessas substâncias é muito antigo, tanto para fins medicinais quanto para fins ritualísticos, porém, a partir da década de 60, tornou-se uma preocupação, devido à alta prevalência de consumo e aos riscos. Quase 10% da população dos centros urbanos faz uso abusivo de psicotrópicos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2017). Em busca de aumentar a sensação de bem-estar, muitos psicotrópicos só são utilizados sem prescrição médica. Entre os motivos estão: não considerar seus sintomas graves ou suficientes para procurar uma clínica ou centro psiquiátrico, na maioria das vezes; guarda clínicas psiquiátricas; falta de confiança nos psiquiatras; falta de ritmo; clínicas lotadas; experiências insatisfatórias; meio de ludicidade; dificuldades de transporte, entre outros. Além disso, há identificação de ansiedade e/ou depressão na maioria das pessoas (AMÉZQUITA, GONZÁLES, 2003).

Na depressão há presença de humor deprimido e/ou apatia com pelo menos 4 dois seguintes sintomas: perda de peso e/ou apetite, agitação ou retardo psicomotor, sentimentos de culpa, disfunção executiva, distúrbios do sono, fadiga e ideação suicida. A principal hipótese é que esses sintomas resultem da deficiência das monoaminas: serotonina, noradrenalina e dopamina (GUEDES et al., 2017). A principal indicação para o uso de antidepressivos é o tratamento do transtorno depressivo (JULIO et al, 2021).

Atualmente, os medicamentos psicotrópicos são prescritos por diversas especialidades. Além disso, tem-se o uso de benzodiazepínicos sem prescrição médica, variando entre 3,3% e 8,4%. Segundo pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foi relatado o aumento do uso de psicotrópicos no Brasil apenas no ano de 2017 com utilização de 74% de antidepressivos em todo o território nacional, conseqüentemente elevando o título de país mais deprimido da América Latina. Isso corrobora com a identificação de descuido no recebimento de notificações de receitas ou com indícios de falsificação, como numeração repetida e número do Conselho de médico falecido (FERREL ORTEGA, et al. 2011). A prescrição inadequada de psicotrópicos por não especialistas em saúde mental contribui para o uso abusivo de antidepressivos (SILVEIRA, et al. 2022).

À medida que as pessoas passam por acontecimentos, tanto positivos como indesejáveis, ao longo da vida, isso resulta numa certa carga de stress psicológico com conseqüências muito variadas. Esses eventos são componentes das experiências do indivíduo e irão interagir com fatores genéticos, personalidade, condicionamento físico e condições de estilo de vida individuais. Da mesma forma, os atributos físicos e sociais (contexto) da cidade demonstram o potencial de afetar a saúde e são frequentemente encontrados espacialmente associados (MIRANDA et al, 2021).

Segundo Oliveira, et al. (2021), o maior uso de antidepressivos e ansiolíticos está relacionado ao Transtorno Mental Comum (TMC), fazendo com que 28,6% dos dois graduados em medicina entrevistados usassem esses medicamentos sem

qualquer transtorno. Além disso, conclui-se que os alunos com carga horária acadêmica diária superior a 8 horas, com menos de 2 horas diárias de aprendizagem e os que nunca aprendem ou não aprendem mais ou desistem do curso apenas aqueles que apresentam proporcionalmente maior frequência de TMC. Isso ocorre porque esses mesmos alunos apresentam comportamento mais competitivo, insatisfação com uma longa carga horária e poucas jornadas de trabalho, têm dificuldade em fazer novos amigos, sentem falta de apoio emocional e também relatam ter sido infectado pelos amigos da mesma idade (RIBEIRO et al, 2014).

A alguns anos, o tratamento da depressão baseava-se fundamentalmente na primeira geração de antidepressivos, inibidores não seletivos da recombinação de aminas: Antidepressivos Tricíclicos (ATC) e Antidepressivos Heterocíclicos; e Inibidores da Monoamina Oxidase (IMAOs). Esses antidepressivos clássicos são notavelmente eficazes, mas suas múltiplas ações em outros neurotransmissores causam efeitos adversos (EA) consideráveis. Nas últimas duas décadas, novas classes de antidepressivos surgiram a partir de pesquisas em moléculas que não possuem os efeitos colaterais dos antidepressivos clássicos (ISTILLI, et al. 2010). Os antidepressivos podem ser classificados pela sua estrutura química ou pelas suas propriedades farmacológicas. Atualmente são classificados preferencialmente pelo seu mecanismo de ação farmacológico, o que é muito mais útil na prática clínica (CASTRO, QUINTERO, 2013).

É importante definir o termo efeito adverso para seu devido entendimento e utilização neste projeto, segundo a Organização Mundial da Saúde: é qualquer efeito nocivo que ocorre após a administração de um medicamento nas doses normais utilizadas na espécie humana, por profilaxia, o diagnóstico ou tratamento de uma doença ou para a modificação de alguma função fisiológica. Um evento adverso difere de uma reação ou efeito adverso porque não pressupõe causalidade. Relatos de eventos adversos relatados pelos pacientes ao médico requerem questionamentos exaustivos, a fim de obter o máximo de informações possíveis que permitam atribuir causalidade e, assim, decidir a imputabilidade ou responsabilidade de determinado medicamento ou medicamentos causadores do EA (OLIVEIRA, et al. 2021).

Os antidepressivos inibidores da monoamina oxidase apresentam efeitos adversos mais intensos e frequentes do que aqueles associados a outros antidepressivos (FILHO, JÚNIOR, 2013). Classificaremos os efeitos adversos de acordo com o sistema, assim: Efeitos no sistema nervoso central mais comuns: insônia (2-10%), dor de cabeça (2-10%) e sedação, aumento da estimulação (inquietação, ansiedade, agitação e agressividade) e hipomania. Efeitos anticolinérgicos: boca seca (10-30%) e visão turva. Efeitos cardiovasculares: hipotensão (>10%) e taquicardia. Efeitos gastrointestinais: náusea (2-10%), dor abdominal, constipação (2-10%), perda e ganho de peso. Efeitos endócrinos: galactorreia. Efeitos sexuais: disfunção sexual (anorgasmia, diminuição da libido) (CASTRO, QUINTERO, 2013).

Os inibidores não seletivos da recaptção de monoaminas (antidepressivos tricíclicos e tetracíclicos) são os primeiros antidepressivos amplamente utilizados na depressão; seu estudo permitiu estabelecer vários princípios para o tratamento da depressão. Foi descoberto o bloqueio da recaptção de monoaminas, serotonina e norepinefrina, e em menor grau dopamina; além de pelo menos outras três ações em diferentes receptores: bloqueio de receptores muscarínicos, bloqueio de receptores H1 e bloqueio de receptores alfa adrenérgico; alguns podem bloquear os canais de sódio no coração e no cérebro, o que pode causar arritmias e parada cardíaca, em casos de overdose, bem como convulsões. Assim, enquanto o bloqueio

da serotonina e da noradrenalina explicaria sua ação terapêutica no caso da depressão, sua ação nos demais receptores explicaria seus EA (CASTRO, QUINTERO, 2013).

Efeitos adversos no Sistema Nervoso Central (Resultado do antagonismo por H1 e alfa1 receptores): dor de cabeça, sonolência, fraqueza, letargia, fadiga, excitabilidade, agitação, inquietação e insônia, confusão, alteração na concentração, desorientação, precipitação de hipomania ou mania, psicose, reações de pânico, ansiedade ou euforia, tremor fino, acatisia, atraso discinesia (amoxapina), convulsões, parestesias, distúrbios da marcha, parkinsonismo e distonia (CASTRO, QUINTERO, 2013).

Efeitos Anticolinérgicos (Resultado do antagonismo dos receptores muscarínicos): mucosas secas, visão turva, olho seco, prisão de ventre, retenção urinária, atraso na micção, hiperidrose, confusão, desorientação, delírio, delírios e alucinações. Efeitos Cardiovasculares (resultado do antagonismo dos receptores alfa 1, muscarínicos, 5HT2, H1 e inibição dos canais rápidos de sódio): taquicardia, hipotensão, tempo de condução prolongado, arritmias, síncope, trombose, tromboflebite, infarto e insuficiência cardíaca congestiva. Efeitos gastrointestinais (resultado da inibição da recaptção de 5HT e antagonismo muscarínico): anorexia, náusea, vômito, diarreia, ganho de peso (>30%) e constipação (FILHO, JÚNIOR, 2013).

Efeitos adversos sexuais (resultado da atividade alterada da dopamina, bloqueio de 5ht2, inibição da receptação de 5ht, bloqueio alfa 1 e bloqueio muscarínico): diminuição da libido, impotência, edema testicular, ejaculação dolorosa, ejaculação retrógrada, aumento da libido, priapismo e anorgasmia. Efeitos Endócrinos: aumento e diminuição dos níveis de glicose no sangue, desejo de carboidratos (87%), irregularidades menstruais, amenorreia, galactorreia e síndrome de secreção inadequada de hormônio antidiurético com hiponatremia. Reações Alérgicas: icterícia, hepatite, erupção cutânea, urticária, prurido, edema, discrasias sanguíneas, fotossensibilidade, pigmentação da pele e trombocitopenia (CASTRO, QUINTERO, 2013).

A fluoxetina e outros ISRS (Inibidores Seletivos da Recaptção da Serotonina) diferem dos antidepressivos tricíclicos pela segurança e pelo perfil de efeitos adversos favoráveis, bem como pela falta de afinidade múltipla pelos receptores que medeiam os efeitos adversos. Os ISRS têm um perfil semelhante de efeitos adversos. São mais bem tolerados que os antidepressivos tricíclicos, de acordo com o número de desistências de pacientes devido ao aparecimento de efeitos adversos em ensaios clínicos; com uma incidência de descontinuação precoce devido ao aparecimento de um EA em 5% a 10% para placebo, 10% a 20% para ISRS e 30% a 35% para ADTs. A tolerância a um efeito adverso pode mudar com a dose e duração. Após a exposição, muitos destes efeitos adversos são transitórios e geralmente começam nas fases iniciais do tratamento, a existência de diferenças individuais entre os pacientes indica uma necessidade de flexibilidade na dosagem (FILHO, JÚNIOR, 2013).

Efeitos no Sistema Nervoso Central: dor de cabeça (26%), convulsões, insônia (26%) e sonolência (21%), fraqueza, letargia, apatia, síndrome amotivacional, tremor fino, acatisia, distonia, discinesia, parkinsonismo ou tiques. Efeitos anticolinérgicos: hiperidrose, boca seca (15%), casos relatados de retenção urinária, urgência urinária, incontinência e cistite. Efeitos cardiovasculares: taquicardia, palpitações, hipertensão e fibrilação atrial, bradicardia, tontura e vasoconstrição coronariana (CASTRO, QUINTERO, 2013).

Efeitos gastrointestinais: náuseas (27%) e diarreia (21%), anorexia e perda de peso. Efeitos sexuais: diminuição da libido (6%), distúrbios de ejaculação (14%) e anorgasmia. Efeitos endócrinos: síndrome de secreção inadequada de hormônio antidiurético e prolactina elevada (22% com fluoxetina). Reações alérgicas: erupção cutânea (1%), urticária, psoríase, prurido, edema e fotossensibilidade (CASTRO, QUINTERO, 2013).

A questão do envolvimento no uso de psicotrópicos é apenas uma simples busca pelos seus efeitos, possivelmente considerando a disponibilidade dessas substâncias, a imagem ou ideia que as pessoas fazem de respeito, as características das pessoas, ou o uso por familiares e amigos, imprensa que às vezes é sofrimento, entre outros (WU, ANTHONY, 2000). Estar presente tanto em pequenos como em grandes centros urbanos, possivelmente, por motivos de trabalho, estrutura de serviços de saúde (saúde mental precária), estilo de vida precário ou estressante, problemas pessoais, sentimento de insegurança, ambiente competitivo e baixa coesão social (SILVEIRA, et al. 2022).

Muitos estudantes veem os psicotrópicos como um refúgio, sendo considerado um grupo de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais. Isto pode ocorrer devido aos problemas que podem surgir no período de transição e longa experiência acadêmica, desde mudanças geográficas, rigor acadêmico, novas responsabilidades, jejum familiar, novo ambiente interpessoal, pressão e preocupação com o futuro, dificuldades financeiras, dificuldades de acomodação, entre outras, existem situações às quais alguns alunos têm que se adaptar (AMÉZQUITA, GONZÁLES, 2003). Em especial, os estudantes da área da saúde são os mais usuários de psicotrópicos, pareçam orientados ou não, provavelmente pelo fato de esses futuros profissionais conviverem mais estreitamente com o ser humano (SILVEIRA, et al. 2022). Associada a esta realidade, existe a crença (reforçada através de prescrições de baixo critério) de que os ansiolíticos desempenham o papel de tônico para a saúde mental na ausência de tratamentos mais eficazes (JULIO et al, 2021).

Este grupo de medicamentos tem demonstrado ser útil como sintomático para patologias psiquiátricas e não psiquiátricas (ISTILLI, et al. 2010). Esses medicamentos, a princípio, deveriam aliviar os sintomas do estresse diário e da ansiedade, mas, em longo prazo, podem causar complicações, principalmente se usados indiscriminadamente. Além disso, muitos estudantes poderão ter acesso mais fácil a receitas médicas e medicamentos, pois terão contato frequente com esse tipo de material em suas salas de aula. É importante ressaltar que quanto mais próximo do final do curso mais sobrecarregado fica o aluno, portanto é esperado que ocorra um aumento no consumo desses tipos de medicamentos ao longo de dois semestres. Assim, faz-se necessária a análise dos acadêmicos de medicina, para elucidar se os estudantes avaliaram esses sintomas e se esses medicamentos são utilizados. Por fim, é necessário destacar a importância da criação e melhoria de programas de apoio psicológico na prevenção e tratamento destas doenças, dirigidos a estudantes universitários. Além disso, destacar a necessidade de divulgação das recomendações para o uso consciente de medicamentos psicotrópicos e os riscos do uso abusivo e da automedicação (RIBEIRO et al, 2014; SILVEIRA, et al. 2022).

O uso de antidepressivos se tornou algo corriqueiro na sociedade atual. A facilidade de acesso e a promessa de incríveis benefícios para quem faz uso dessa medicação vêm atraindo a um grupo específico de pessoas, os estudantes da área da saúde. O problema se encontra na falta de acompanhamento psiquiátrico e muitas vezes na falta de prescrição médica para este medicamento que possui muitos efeitos adversos, aos quais os usuários não tem ciência (CASTRO, QUINTERO, 2013).

Estudos sobre os efeitos adversos dentro deste grupo tem um grande benefício na prevenção e alerta dessas consequências. Pesquisas sobre os motivos que os levaram ao uso indevido deste fármaco poderão abrir portas para a criação de programas de acolhimento aos estudantes com problemas psiquiátricos e leva-los ao correto acompanhamento medico e psicológico (JULIO et al, 2021).

4. Conclusão

Em conclusão, o uso de antidepressivos por estudantes da área da saúde é uma prática comum, muitas vezes justificada pela necessidade de enfrentar o estresse acadêmico e as demandas do ambiente universitário. No entanto, este estudo revelou uma série de efeitos adversos associados ao uso desses medicamentos, incluindo sintomas gastrointestinais, alterações do sono, ganho de peso e comprometimento cognitivo. Estes resultados sugerem a importância de uma abordagem cuidadosa na prescrição e monitoramento de antidepressivos em estudantes, com uma avaliação completa dos riscos e benefícios individuais.

Além disso, é crucial reconhecer que o uso de antidepressivos por estudantes da área da saúde pode ter implicações significativas não apenas para o seu bem-estar pessoal, mas também para a qualidade e segurança do cuidado que prestam aos pacientes. Efeitos adversos como comprometimento cognitivo e sonolência podem afetar negativamente o desempenho acadêmico e clínico dos estudantes, comprometendo sua capacidade de tomar decisões e prestar cuidados de forma eficaz.

É imperativo, portanto, que os educadores, profissionais de saúde e estudantes trabalhem juntos para promover estratégias alternativas de enfrentamento do estresse e promoção da saúde mental, reduzindo assim a necessidade de antidepressivos. Isso pode incluir programas de apoio psicológico, intervenções baseadas em mindfulness, atividades de autocuidado e a criação de ambientes de aprendizado que valorizem o equilíbrio entre vida acadêmica e pessoal.

Além disso, é essencial promover uma cultura de abertura e destigmatização em relação à saúde mental entre os estudantes da área da saúde, de modo que eles se sintam à vontade para buscar ajuda quando necessário e compartilhar suas experiências com o uso de antidepressivos de forma franca e transparente.

Em última análise, este estudo destaca a complexidade dos desafios enfrentados pelos estudantes da área da saúde em relação à saúde mental e o uso de antidepressivos. Através de uma abordagem multifacetada que prioriza a prevenção, o apoio psicológico e a colaboração entre estudantes, educadores e profissionais de saúde, podemos trabalhar juntos para promover um ambiente acadêmico mais saudável e sustentável para todos

Referências

American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V). 5 Ed. Washington: American Psychiatric Press, 2014.

AMÉZQUITA, M; GONZÁLES, R, R. Prevalencia de la depresión, ansiedad y comportamiento suicida en la población estudiantil de pregrado de la Universidad de Caldas. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, 32 (4), 2003.

BARGADI, M. P & HUTZ, C. S. Eventos estressores no contexto acadêmico: uma breve revisão da literatura brasileira. *Interação Psicologia*, v. 15, n. 1, p. 111-119, 2011. Doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i1.17085>

CASTRO ROMERO, D. P.; QUINTERO CAÑÓN, C. A. Incidencia de los efectos adversos de los antidepressivos utilizados como primer tratamiento en pacientes en el servicio de hospitalización y de consulta externa del servicio de psiquiatría del Hospital Militar Central. repository.unimilitar.edu.co, 22 out. 2013.

FERREL ORTEGA, R. F.; CELIS BARROS, A.; HERNÁNDEZ CANTERO, O. Depresión y factores socio demográficos asociados en estudiantes universitarios de ciencias de la salud de una universidad publica (Colombia)*. **Psicología desde el Caribe**, n. 27, p. 40–60, 1 jun. 2011.

FILHO, P. C. P. T.; JÚNIOR, A. D. C. P. Antidepressivos: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, n. 0, 2013.

GLORIA et al. CARACTERÍSTICAS DEL CONSUMO DE FÁRMACOS PSICOTRÓPICOS EN ESTUDIANTES DE CIENCIAS DE LA SALUD. **Vitae**, v. 15, n. 2, p. 245–250, 2023.

GOLDMAN, H. Psiquiatria general. 5 edición. Editorial Manual Moderno. pp 472-476, 2001.

GUEDES, A. F et al. Fatores de risco para o estresse entre estudantes da área de saúde *Revista COOPEX/FIP*, v. 8, n. 8, 2017.

ISTILLI, P. T. et al. Antidepressants: knowledge and use among nursing students. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 421–428, jun. 2010.

JULIO, R. DE S. et al. Ansiedade, depressão e work engagement em profissionais de enfermagem da Atenção Primária à Saúde. **Rev Rene (Online)**, p. e70762–e70762, 2021.

JUNIOR, S. L. A. DE M. et al. A depressão como obstáculo para os futuros enfermeiros. **Nursing (São Paulo)**, v. 22, n. 253, p. 2973–2978, 1 jun. 2019.

KATZUNG, B. G, TREVOR, A. J. Farmacologia básica e clínica. 13th ed. AMGH, editor. Porto Alegre; 2017.

MIRANDA, C. C. DA S. et al. O uso de ansiolíticos e antidepressivos entre graduandos da área da saúde de Teresina-PI: uma pesquisa de opinião. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, p. e24679–e24679, 17 jun. 2021.

OLIVEIRA, K. A. DE et al. Prevalência do uso de drogas antidepressivas por estudantes da área da saúde no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e286101119641, 1 set. 2021.

RIBEIRO, A. G. et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciênc. Saúde Colet. (Impr.)**, p. 1825–1833, 2014.

SILVEIRA, G. E. L. et al. Sintomas de ansiedade e depressão no ambiente acadêmico: um estudo transversal. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, 2022.

WHO, MSD, MER. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates DEPRESSION. 2017 Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER2017.2eng.pdf;jsessionid=4655A7722E8BBE182CF8CA9FEE2463A5?sequence=1>

WU, L, T; ANTHONY, J, C. The Estimated Rate of Depressed Mood in US Adults: Recent Evidence for a Peak in Later Life. *Journal of Affective Disorders*, 60, pp. 159-171, 2020.